



## CALÍMACO E CATULO: A *CABELEIRA DE BERENICE*

Glória Braga Onelley\*

Universidade Federal Fluminense – UFF

[gloriaonelley@terra.com.br](mailto:gloriaonelley@terra.com.br)

Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha\*\*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
[shirleypecanha@yahoo.com.br](mailto:shirleypecanha@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Apresentam-se, no presente trabalho, particularidades culturais e estético-literárias do período alexandrino, que, de certa forma, condicionaram a poesia de Calímaco de Cirene, modelo de poetas latinos, entre os quais Catulo. Indica-se, ainda, como o poema de número 66 deste último, tradução para o latim do fragmento 110 de Calímaco, **A cabeleira de Berenice**, constitui um guia importante para trazer luz aos versos perdidos do referido fragmento calimaquiano e para dar sentido a seus versos remanescentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Período alexandrino – Elegia – Calímaco – Catulo.

**ABSTRACT:** It is presented, in this work, cultural and literary aesthetic features from the Alexandrian period, which, in a certain way, impelled the poetry of Callimachus from Cirene, to be a model among latin poets, including Catullus. It is highlighted, still, that the poem number 66 from Catullus, translation to latin from fragment 110 from Callimachus, **Berenice's hair**, composes an important guide to clarify the lost verses from the callimachian fragment mentioned before and to bring sense to his remaining verses.

**KEYWORDS:** Alexandrian period – Elegy – Callimachus – Cattulus.

Uma efetiva abordagem da poesia de Calímaco requer judiciosa inserção no universo da sociedade helenística. As estruturas de poder, então vigentes, engendraram uma política cultural que apresentou, como um de seus produtos mais bem acabados, uma poesia sem par até aqueles dias. Para que se compreenda o espírito dessa nova poesia, faz-se necessária a evocação de algumas particularidades históricas e estético-

---

\* Doutora em Letras Clássicas pela UFRJ e professora adjunta da Universidade Federal Fluminense.

\*\* Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Português-Grego pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981-1982, respectivamente), Mestrado (1992) e Doutorado (1996-2000) em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora concursada de Língua e Literatura Grega da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

literárias que, de certa forma, são indicadoras dos elementos condicionantes da poética alexandrina, aos quais não só a obra do poeta Calímaco está submetida, mas também a de alguns poetas latinos, entre os quais Catulo.

É importante lembrar que, após a conquista macedônica definitiva, a civilização grega é transplantada em direção ao Oriente pelas gloriosas campanhas de Alexandre Magno e, a seguir, cultivada pelos reinos resultantes da fragmentação do grandioso império macedônico, após a morte de Alexandre (323 a. C.). Atenas, centro intelectual e político da Grécia, no período clássico, é substituída por Alexandria, um dos principais centros de irradiação da civilização helênica, no século III a.C.

Em consequência das novas circunstâncias históricas, floresce uma literatura, patrocinada e controlada por diferentes monarcas lágidas, que reflete, de certo modo, as condições políticas e culturais. Desenvolvida sob a tutela interessada dos monarcas das cortes helenísticas, a literatura é cultivada em círculos sociais restritos, destinando-se, pois, a uma minoria letrada, o que a afasta do grande público, muito embora alguns gêneros, sobretudo o dramático, tenham conservado sua popularidade. O fazer poético é, então, regulamentado por regras artísticas, baseadas em um profundo conhecimento da literatura precedente, com base na qual os poetas alexandrinos selecionavam seus modelos – Homero e Hesíodo, de um lado, e a lírica coral e a comédia antiga, de outro, parecem ter sido preferidos – sem serem, entretanto, servis imitadores dessa tradição literária.

Para os poetas alexandrinos, a criação poética é, na verdade, um complexo processo de elaboração objetiva, interessando-lhes, principalmente, o aspecto formal e técnico de sua obra. Apresentando, assim, uma concepção distinta da dos poetas do período arcaico, os poetas alexandrinos consideram a poesia o resultado de uma *téchne*, ou seja, um conjunto de regras práticas, que reflete tanto o progresso científico quanto a pesquisa histórico-literária, realizada nas grandes bibliotecas.

A palavra-chave da nova estética literária é, pois, a erudição. Trata-se de uma poesia dirigida a destinatários também eruditos. Sendo assim, a arte devia ser difícil e, ao mesmo tempo, primar pela perfeição técnica. Exemplo significativo dessa poesia é o fragmento de número 10 dos *Paígnia* de Filetas de Cós, gramático e poeta iniciador do gênero elegíaco, em Alexandria:

Contrastando comigo, um rude camponês arrancará das montanhas  
um amieiro, levantando o enxadão;  
mas sabendo a ordem dos versos e tendo-me esmerado muito,

conheço o caminho de todos os cantos.<sup>1</sup>

Observa-se que a oposição entre o penoso trabalho de um rude camponês e a habilidade do poeta na arte de versejar demonstra, com clareza, que a poesia alexandrina não é fruto de inspiração divina. Com efeito, os dois dísticos que compõem o fragmento de Filetas formam uma antítese: o trabalho do camponês é penoso, porém físico – como se infere do sintagma *hairómenos makélen* “levantando o enxadão” – e o do poeta é árduo, mas intelectual, como indica o sintagma *epéon eidòs kósmon* “sabendo a ordem dos versos”. Corrobora o trabalhoso mister do poeta a relação entre as expressões em quiasmo *eidós kósmon* “sabendo a ordem” e “conhecendo o caminho”, tendo em vista necessitar o poeta ter um conhecimento acurado dos ornamentos da linguagem em seus mais variados aspectos – fonético, sintático e semântico –, a fim de que pudesse criar uma primorosa e sofisticada poesia. O emprego do sintagma *pollà mogésas* (v. 3), “tendo-me esmerado muito”, no referido fragmento, define a poesia alexandrina: poesia erudita, trabalhada, resultante de muito esforço, fundamentada num conhecimento sistemático de regras necessárias à criação poética.

Este distanciamento dos poetas com relação a seus versos pode ser justificado, em parte, pelo fato de terem sido homens eruditos, praticantes de uma literatura impregnada de saber livresco, o que explica, muitas vezes, a preferência por variantes mitológicas pouco conhecidas e pelo emprego de termos linguísticos raros. Trata-se, na verdade, de uma literatura nova, descomprometida com questões de cunho pessoal, político e social, portanto bem diferente de grande parte da poesia grega dos séculos VII e VI a.C.

Com efeito, os poetas não tinham Alexandria como pátria, em virtude de serem estrangeiros trasladados da terra natal para servirem ao rei por um salário. Esta profissionalização do fazer poético levou os eruditos literatos a valorizar o ofício de poeta. Portanto, não havia motivos para engajamento político de qualquer espécie, haja vista os entraves da política despótica dos Ptolomeus que impediam o livre pensar. Era uma sociedade que não comportava partidos políticos. A lealdade do poeta era, portanto, para com o rei, seu patrocinador. Surge, neste contexto histórico, não apenas a

---

<sup>1</sup> POWELL, J. U. *Collectanea alexandrina*. Oxford: Clarendon Press, 1925. Todas as traduções de textos gregos são de responsabilidade das autoras deste artigo.

prática da glorificação, mas também a de mistificação dos poderosos mecenas. O método mais usual era o de fazer blandícias no ego dos vaidosos soberanos.

O principal ideólogo da estética literária que floresceu na sociedade alexandrina foi Calímaco de Cirene, cujo fazer poético se harmoniza com a atmosfera espiritual e política desta época.

Na verdade, os princípios que regem a poesia de Calímaco estão estabelecidos no prólogo dos *Aítia*<sup>2</sup>, “*Origens*”, por ele acrescentado a esta coleção de elegias para defender-se de outros poetas que criticavam seu fazer poético e o consideravam incapaz de compor um poema longo. Atestam-no os versos 1-5 desse prólogo, conhecido como *Prólogo contra os Telquines*<sup>3</sup>:

Eu sei que, por causa de minha poesia, murmuram o Telquines<sup>4</sup>  
que, ignorantes das Musas, não são meus amigos,  
porque eu não realizei um canto contínuo ou (cantando) em muitos  
milhares  
reis e heróis, mas desenvolvo um poema de pequena  
extensão,...

Inicia-se o prólogo com uma referência aos poetas rivais de Calímaco, designados Telquines, gênios maléficos e mágicos, de humor invejoso, e considerados, no poema, “ignorantes das Musas” (v.2). Observa-se, ainda, o desprezo pela figura do herói, tão decantado pela epopeia e pelo drama, em virtude de o poeta de Cirene não julgar cabível, no novo contexto histórico-cultural, louvar os grandes feitos de antigos heróis. Entretanto, este posicionamento do poeta não significa repúdio a Homero, mas a

<sup>2</sup> “*Aítia Origens*” nome dado por Calímaco ao conjunto de narrativas escritas em versos elegíacos. Dividida em quatro livros, a coletânea trata da origem ou causa (*aítion*) de costumes, práticas religiosas, acontecimentos históricos, fundação de cidades, leis, bem como da origem de seres e divindades. Embora nessas elegias a ciência e a poesia estejam presentes, o objetivo do poema não é didático, mas visa a proporcionar prazer juntamente com a informação.

<sup>3</sup> O *Prólogo contra os Telquines* foi inserido por Calímaco, já em idade avançada, numa nova edição dos *Aítia*, cujas elegias tinham sido publicadas separadamente, ao longo dos anos. Além do prólogo, foi incluído, no final da coletânea, o poema **Cabeleira de Berenice**.

<sup>4</sup> Os Telquines, segundo a tradição, descendentes do Mar e da Terra, nasceram na ilha de Rodes. Eram representados como seres anfíbios e reconhecidos como mestres na metalurgia e, principalmente, na magia. Inicialmente eram gênios benévolos, mas, posteriormente, assumiram caráter maléfico, sendo temidos por destruírem as colheitas e por lançarem mau-olhado. BRANDÃO, Junito de Souza. Telquines. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 415, vol. 2. As demais referências à mitologia grega foram elaboradas com base neste dicionário.

<sup>5</sup> CALLIMACHUS – AETIA – IAMBI – HECALE AND OTHER FRAGMENTS. 5 nd. Edited by Thomas Gelzer. Translated by Cedric Whitman. London: Harvard University Press, 1989. As outras traduções do poeta Calímaco, apresentadas neste trabalho, têm por base esta edição crítica.

consciência crítica de que a expressão poética representante do período alexandrino não mais era a longa epopeia.

Em consequência, era natural que se deixasse de lado a extensão desses gêneros literários, preferindo-se uma poesia de pequeno fôlego, que poderia ser lida num dado momento e não em horas, ou, até mesmo, em dias. Sendo muito motivada estilística, sintática, morfológica e foneticamente, a poesia carecia de uma leitura lenta e demorada para que o leitor pudesse apreender as diversas virtualidades do texto. De fato, o primor técnico seria extremamente trabalhoso em um texto muito longo, como o das epopeias. Assim, em virtude de ter cultivado poemas curtos e de ter sido criticado por seus adversários, Calímaco apregoa, por meio de comparações, que a arte poética deveria ser exercida com liberdade, como demonstram os versos 14-20 do citado prólogo:

Encantada com o sangue dos Pigmeus<sup>6</sup>, a grua pode  
15 voar do Egito até a Trácia, e os Massagetas<sup>7</sup> podem lançar  
dardos à grande distância sobre o  
homem Medo;  
dessa maneira, os cantos do rouxinol são mais doces que o  
mel.  
Fora, raça pernicioso da Inveja! Julgai imediatamente a minha  
habilidade,  
por meio da arte e não da medida persa;  
Não busqueis que, de minha parte, eu crie, de modo grandioso,  
20 um grande canto estridente. Fazer tropejar não é meu  
interesse, mas de  
[Zeus.

Observa-se nesses versos a aversão de Calímaco pela tradição literária seguida por outros poetas alexandrinos, já que deixa expresso o poeta de Cirene seu desprezo por poemas extensos e grandiosos, evocados pela referência à longa distância percorrida pela grua e pelos dardos dos Massagetas, e afirma, ainda que por metáfora, serem as suas composições, elaboradas segundo a nova concepção de poesia - que conciliava “habilidade”, *sophía*, e “arte”, *téchne*-, mais leves e delicadas do que os poemas tradicionais.

<sup>6</sup> Povo de pequena estatura que vivia no sul do Egito, na Lídia ou na Índia. A tradicional hostilidade entre os pigmeus e a grua pode ser atestada pela mitologia. Em *Ilíada* III, v.1-7, por meio de um símile, evoca-se o mito dos pigmeus.

<sup>7</sup> Trata-se de um povo Cita, famoso por ser igual ou comparável aos Medos na destreza com o arco.

Note-se nos versos mencionados a personificação da inveja como alusão ao sentimento que motivara a crítica aos versos calimaquianos, por parte dos rivais do poeta. A indignação presente no pentâmetro (v. 17)- bem marcada pelo emprego do imperativo *éllete* (imperativo aoristo de *hairéo*), fórmula de imprecação, com valor interjectivo, que indica ordem para sair, deixar um lugar, traduzida por “fora”- evidencia a reivindicação pelo estabelecimento do novo programa poético, cujo princípio é a liberdade criadora do artista em lugar de regras fixadas pela tradição. Acresce, ainda, que o particípio presente *psophéo* (*psophéuousan*) “fazer barulho”, “produzir barulho inarticulado”, relativo ao termo *aoidén*, “canto”, donde “canto estridente”, é empregado para depreciar o poema de grande extensão, sugerido pelo advérbio *méga* “de modo grandioso”, e pelo substantivo próprio *Diós*, “Zeus”, “senhor poderoso do Olimpo”, que, entre outras atribuições, faz trovejar”, *brontân*”.

Os fundamentos do novo fazer poético aparecem, ainda, nos versos 21-9 do *Prólogo contra os Telquines*, nos quais se reproduzem as prescrições de Apolo, em relação à poesia de Calímaco:



Na verdade, quando eu, em primeiro lugar, coloquei uma tábua sobre os meus

joelhos, Apolo Lício me disse:  
“.....] ó poeta, alimenta a vítima, tornando-a o mais gorda possível, e a tua Musa delicada.

25 Ainda te ordeno o seguinte: pisa por onde os carros não passam, não conduzas o carro nem por caminhos comuns a outros, nem por um caminho largo, mas por caminhos não pisoteados, embora tu venhas a conduzi-lo por um caminho mais curto.

Observa-se que a tônica das determinações de Apolo está centrada na originalidade da criação poética, tema que se harmoniza com o do epigrama XXVIII, porque neste a referência ao caminho percorrido por muitos corresponde aos caminhos extensos e tradicionais, trilhados por outro poeta:

Odeio o poema cíclico, não  
me alegre com o caminho que a muitos conduz aqui e ali;  
Eu odeio também o amado leviano, não bebo  
na fonte comum; eu tenho aversão por tudo o que é popular .

Portanto, verifica-se que o *Prólogo contra os Telquines* apresenta um manifesto poético, no qual se rejeitam as regras impostas pela tradição literária e se propõe uma poesia renovada voltada para a ciência, o divertimento e a prática de glorificação dos poderosos, um dos principais aspectos da produção poética do período



alexandrino, já que a poesia de bajulação, eufemisticamente chamada poesia de corte, constitui o suporte econômico de toda a atividade literária.

A esse respeito, representa significativo exemplo o fragmento elegíaco de número 110 de Calímaco, conhecido como **Cabeleira de Berenice**. Composto para glorificar a rainha Berenice II, esposa de Ptolomeu III, denominado Evérgeta, apresenta como tema o roubo de uma mecha de cabelos, consagrada pela rainha aos deuses, como uma espécie de talismã, pela volta segura de seu marido da Terceira Guerra Síria (247-6 a.C.). A mecha de cabelo, depositada no Templo de Afrodite Arsínoe, em Zefírio, promontório perto de Canopo, cidade do Egito, na foz do Nilo, tinha desaparecido misteriosamente. Por isso, o subserviente astrônomo Cónon, da corte de Ptolomeu III, identificou a mecha de cabelo da esposa de seu financiador com uma estrela que, por concessão divina, foi incluída entre as constelações de Ursa Maior, Bootes, Virgem e Leão, versão confirmada por Calímaco nos versos iniciais e no verso 64 da referida elegia:

1 Tendo examinado todo o limite nas linhas (do céu)/ onde  
surgem as (estrelas),  
.....  
.....

7 Cónon também me viu no ar – eu, a mecha do cabelo de  
/Berenice,  
que ela dedicara a todos os deuses  
.....  
.....

64 Cípris tornou-me uma estrela nova entre as antigas.

Deve-se ressaltar que na elegia em pauta foi empregado um procedimento inerente à composição de epigramas votivos e funerários, que consiste em dar voz ao objeto consagrado ou à lápide. Com efeito, nesse fragmento é a cabeleira da rainha que fala, como atesta, em especial, o verso 40: “e eu jurei por tua cabeça e por tua vida”.

A acurada elaboração técnica do poema pode ser observada, sobretudo, na valorização da forma poética. Com efeito, a par da predominância de formas do dialeto jônico literário – o que revela influência da épica arcaica na obra de Calímaco –, é relevante primeiramente assinalar a importância do substantivo *Bereníke* no contexto do poema. Trata-se de uma forma oriunda do macedônio *Phereníke*, constituída dos radicais *phéro* e *níke* significando, portanto, “a que traz a vitória”. No poema, o nome próprio *Bereníke* é um adjetivador de *plókamos* “cabeleira”.

Ressalte-se, ainda, a preocupação de se evitar a monotonia de uso de apenas uma palavra para designar a cabeleira. Foram empregados *Bóstrychon* (v. 8), *plókamos* (vv. 47 e 62) e *kómai* (v. 51).

Com relação ao substantivo próprio *Chálybes* (v. 48), observa-se que a sua ocorrência possui grande motivação semântica, visto que este vocábulo serve para nomear não somente um povo cita – famoso por sua habilidade em trabalhar o ferro e considerados inventores do aço – mas também o próprio vocábulo grego que designa o ferro, objeto com que a mecha fora cortada. Tudo indica que o gentílico teve seu étimo no substantivo *chályps, -bos* (ferro, aço). É importante ressaltar, ainda, que o ferro constitui um elemento de digressão, pois o mesmo ferro com que outrora Xerxes cavara um canal, através da montanha de Atos, para que sua frota pudesse navegar e com o qual se travavam guerras, é também o instrumento utilizado para cortar a mecha do cabelo de Berenice. Por isso, há uma imprecisão contra os inventores do ferro e seus artifícios: “que pereça a raça de Cálibes” (vol. 48).

No tocante, ainda, aos aspectos estilísticos dessa elegia, deve-se notar a disposição das palavras de modo a destacar as semelhanças fonéticas de umas com as outras, a posição enfática de determinados nomes, as rimas, as assonâncias entre palavras distantes, porém ligadas sintaticamente (homoteutos), e a extensão dos vocábulos, com vista à produção de efeitos sonoros expressivos.

Convém registrar, primeiramente, as assonâncias das vogais nas sequências: *kemè .... éblepsen em eéri .... Bereníkes* (v. 7), *bóstrychon hon* (v.8). Além das terminações idênticas, presentes em *éblepsen en* e *bóstrychon hon*. Note-se, ainda, a similaridade fonética existente entre a consoante gutural *ch* e o espírito áspero do pronome *hon*.

Há, ainda, no verso 76 uma sequência de vocábulos com consoantes aspiradas que, de modo geral, possuem acentuado valor expressivo: *Aschállo koryphês oukéti thksómenos*, ... “a irritação que sinto, por não mais poder tocar aquela cabeça”.

As observações seguintes dizem respeito às rimas e homoteutos. Verifique-se que os vocábulos *Theíes* e *Arsinóes* em posição enfática nos finais dos *cola* iniciais dos versos 44 e 45, bem como *Áthoi* e *sidéroi* também em posição de destaque nos finais dos versos 46 e 47, e, ainda, *aetes* e *Arsinóes* nos finais dos versos 53 e 54, apresentam rimas.



Também são dignos de nota os seguintes homoteleutos: *Bereníkeios .... plókamos* (v. 62), *gunaikeíon .... mýron* (v.78).

Cabe ressaltar a ocorrência de um procedimento tipicamente homérico, que consiste em circunscrever a um *colon* um nome próprio e seu respectivo epíteto. É o que se observa em *Mémnonos Aithíopos* e *Lokrídos Arsinóes*, sintagmas presentes nos versos 52 e 54, respectivamente.

Cumprir destacar, ainda, o gradual aumento de sílabas das palavras em sequência – *gnotòs Mémnonos Aithíopos* (v. 52), na qual a primeira palavra apresenta duas sílabas, a segunda, três, e a última, quatro.

É importante lembrar que o poema “Cabeleira de Berenice” foi traduzido para o latim por Catulo, em seu poema 66 – incluído entre os poemas conhecidos como *Carmina Docta*, “Poemas Eruditos”<sup>8</sup> –, o qual constitui um guia importante para suprir lacunas e elucidar determinadas passagens obscuras do fragmento 110 de Calímaco.

No cotejo entre os versos bastante mutilados do poeta de Cirene e o poema 66 de Catulo, composto de 94 versos, verificou-se, inicialmente, que neste último se encontram, a partir dos versos 1-6, um elogio à brilhante atuação do astrônomo Cônon, da corte de Ptolomeu, no exercício de sua função, encômio não referido no fragmento calimaquiano:

    Todos os signos quem notou no céu imenso,  
        quem descobriu que estrelas nascem, morrem,  
    como se eclipsa a luz de fogo do sol áspero,  
        como os astros se vão em tempos certos,  
    como, oculto, levando Trívia aos breus do Latmo,  
        um doce amor retira-a de seu giro.<sup>9</sup>

Constatou-se, ainda, que as informações contidas nos versos 9-39 do poema de Catulo servem para elucidar passos incompreensíveis do fragmento de Calímaco, no qual faltam esses mesmos versos. Em primeiro lugar, o poeta latino revela que o rei Ptolomeu Evérgeta, primo co-irmão de Berenice II, se encontrava recém-casado e, ainda, que sua participação na Terceira Guerra Síria causara profunda dor a sua jovem esposa, ao ser ela privada da companhia do marido. Nessa passagem, Catulo idealiza a figura da rainha Berenice, tornando-a o modelo de esposa fiel. Assim, como boa esposa,

<sup>8</sup> CATULO. *O Livro de Catulo*. Tradução comentada por João Angelo de Oliveira Neto. São Paulo: USP, 1996, p. 35.

<sup>9</sup> Tradução de João Angelo de Oliveira Neto. In: *Ibid.*

ansiando profundamente pelo regresso do marido da guerra, a rainha faz uma oferta aos deuses de uma madeixa de seus cabelos, augurando que o rei obtivesse sucesso em sua empresa.

Também no verso 39 do poema 66 a cabeleira expressa seu sentimento de tristeza, por ter deixado a frente de sua rainha: “ Não por querer deixei, rainha, tua frente, / Não por querer” .

Entre os versos 41-43, corrompidos no poema 110 de Calímaco, observa-se a tristeza da cabeleira em não poder permanecer junto de sua senhora, visto que a mecha não poderia medir-se, dada a sua fragilidade, com um material tão resistente como o ferro que, outrora, fora utilizado por Xerxes para escavar um canal através do Promontório do monte Atos, com o objetivo de livrar a sua frota de uma travessia marítima perigosa. Esta passagem evoca a campanha militar de Xerxes contra os gregos.

Cabe ressaltar que os versos 60 e 61 de Catulo correspondem ao verso 59 de Calímaco, nos quais tanto Calímaco quanto Catulo fazem alusão à constelação chamada “Coroa de Ariadne”. Ariadne, filha de Minos, abandonada por Teseu na ilha de Naxos, foi resgatada por Dioniso, que, por amor, lhe ofereceu uma coroa, transformada, após a morte da amada, em constelação. Assim, no texto grego (v. 59), a lacuna existente deveria conter, provavelmente, um vocábulo equivalente ao latim *corona*, usado por Catulo.

Por outro lado, os versos 65-66, 69-74 e 79 do poema de Catulo também acrescentam dados de grande valia para a compreensão do fragmento de Calímaco, que apresenta essas passagens bastante mutiladas.

No tocante aos versos 65-66, esclarece Catulo que a mecha de cabelo de Berenice, depois de convertida, pelos dons de Afrodite, em uma estrela, foi incluída entre as constelações de Leão, de Virgem e de Calisto<sup>10</sup>.

Com relação ao verso 67 do poema de Calímaco, bastante fragmentado, a julgar pela tradução que dele fez Catulo (vv. 67-68), observa-se que o poeta latino insere algumas informações acerca da mecha do cabelo de Berenice, que, já

---

<sup>10</sup> Segundo alguns, Calisto era filha do rei Licáon da Arcádia. Companheira de Ártemis, dedicou-se à castidade. Zeus, todavia, viu-a, amou-a e, para possuí-la e engravidá-la, revestiu-se dos traços de Ártemis. Devido ao ciúme de Hera, a esposa de Zeus, ao repúdio de Ártemis, protetora das virgens, ou aos cuidados de Zeus, que tentava evitar a vingança de sua esposa, Calisto foi transformada em urso, sendo, mais tarde, reconhecida entre os astros como a constelação Ursa Maior.

metamorfoseada em estrela, se inclinava até o pôr do sol e conduzia a “indolente” constelação Bootes que, lenta e dificilmente, mergulhava nas profundezas do Oceano.

Outros dados relevantes, mencionados nos versos 69-74 do poema de Catulo, revelam que a cabeleira de Berenice, embora ocupando, por concessão divina, um lugar venerado entre os astros, não esconde sua insatisfação e melancolia por encontrar-se afastada da cabeleira real, da qual não pôde desfrutar as essências perfumadas do cabelo da rainha recém-casada. Nesse passo, a própria cabeleira pede permissão à divindade para expressar seus saudosos sentimentos pela rainha Berenice. Estes versos complementam o sentido do verso 75 de Calímaco, que contém o demonstrativo *táde*, referente às honras recebidas pela nova constelação – *Bereníken .... plókamon*– as quais, nem de longe, superariam o seu ressentimento “por não mais tocar aquela cabeça” (v. 76, frg. 110)

No que concerne propriamente ao final do poema, é difícil saber se os versos de Catulo corresponderiam, realmente, ao epílogo, talvez perdido, do fragmento de Calímaco. Comparando-se os dois poemas, pode-se inferir que a parte final do texto latino seria uma forma de glorificar e mistificar a figura idolatrada da rainha Berenice, cuja ilibada conduta seria uma exortação contra o adultério feminino.

Com base na análise do fragmento 110, **A cabeleira de Berenice**, infere-se que a arte de Calímaco harmoniza os conceitos de *téchne* e *sophía*, uma vez que, valendo-se de sua erudição, adquirida em suas atividades desempenhadas na Biblioteca do Museu de Alexandria, enriquece seus versos com palavras tiradas à poesia épica, com neologismos, combinações métricas capazes de enfatizar alguns termos das orações, ou com a extensão das palavras, a fim de lhes explorar a sonoridade, ou, ainda, com aspectos menos conhecidos de antigos mitos e tradições.

Acrescente-se, à guisa de conclusão, que o fragmento 110 revela, de certa forma, o momento histórico-cultural em que foi produzido. Com efeito, trata-se de uma poesia que visava à glorificação dos soberanos mecenas, patrocinadores da nova estética literária do período helenístico, cujo representante foi Calímaco de Cirene, modelo de poetas latinos, entre os quais Catulo.

## TRADUÇÃO DO FRAGMENTO 110

1 Tendo examinado todo o limite nas linhas ( do céu) onde surgem as (estrelas),

.....  
7 Cónon também me viu no ar – eu, a mecha do cabelo de Berenice,  
que ela dedicara a todos os deuses

.....  
40 e eu jurei por tua cabeça e por tua vida

.....  
entre os descendentes de Teia<sup>11</sup>, o resplandecente se eleva, o  
45 objeto cortante de Arsínoe, tua mãe, e, no meio  
do Atos, as destrutivas naus dos Medos navegaram...

O que devemos fazer, mechas de cabelo, quando tais montanhas  
se submetem ao ferro? Que pereça a raça de Cálibes<sup>12</sup>,  
os primeiros que, erguendo da terra uma planta maligna,  
a descobriram e ensinaram o trabalho dos martelos.

Quando eu (fui) recentemente cortada, minhas mechas irmãs  
deploravam

perda,

a minha  
e, repentinamente, o irmão do etíope Mêmnon<sup>13</sup>,  
a brisa agradável<sup>14</sup>, o corcel da lócrida Arsínoe<sup>15</sup>, a de cinta  
violeta,

surgia impetuosamente , movendo suas asas ligeiras em  
círculo,

e (agarrou-) me com o seu sopro, e, tendo-me

úmido,

depositou-me no seio [ ] de Cípris;  
a própria Zefíritide, que habita  
nas costas do Canopo, ( enviou)-o com esta  
finalidade.

E no tempo em que não somente a ( coroa) da noiva, filha  
de Minos

60 foi incluída para ( levar luz) aos homens entre as  
numerosas

estrelas,

mas também eu, a bela mecha de Berenice (fui contada  
entre as

<sup>11</sup> Teia, filha de Urano e de Geia, foi esposa de Hipérion e mãe de Hélios (Sol), Eos ( Aurora) e Selene (Lua).

<sup>12</sup> Cálibes: referência ao povo nômade cita que vivia nas proximidades do mar Negro e do mar Cáspio. Na Antiguidade o nome Cálibes estava relacionado com a extração e metalurgia do ferro.

<sup>13</sup> Mêmnon: era filho de Eos e reinava na Etiópia. Conta a tradição mítica que, após ter sido morto por Aquiles, por ter matado Antíloco, filho de Nestor, Mêmnon foi levado por sua mãe para a Etiópia, onde as lágrimas derramadas de Eos foram transformadas em orvalho matutino.

<sup>14</sup> Ao empregar a expressão “brisa agradável” o poeta faz uma alusão a Zéfiro, vento oeste, irmão de Mêmnon. Deve-se lembrar também que foi Zéfiro que conduziu a mecha de Berenice até o templo de Arsínoe.

<sup>15</sup> Arsínoe, esposa de Ptolomeu II, Filadelfo. Quando morreu a rainha foi identificada com Afrodite, cujo templo era localizado no promontório de Zefírio, entre Alexandria e Canopo. Por essa razão, Arsínoe era chamada Zefíritide.

estrelas);  
imortais,  
Cípris tornou-me uma estrela nova entre as antigas.

numerosas  
quando me ergui, banhada pelas águas, junto aos

.....  
67 Ao ir em frente... até o fim do outono, em direção do  
Oceano

.....  
estas coisas não me concedem tanta satisfação quanto  
a irritação que sinto, por não mais poder tocar aquela  
cabeça;  
da qual, quando (Berenice) era ainda menina, bebi muitas  
essências simples, porém não usufruí dos finos  
perfumes femininos.

